

BRASILÂNDIA O BAIRRO DA GENTE

Marta Góes

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



BRASILÂNDIA O BAIRRO DA GENTE

Marta Góes

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



OLHARES

São Paulo 2025



Aos que acreditam no poder das histórias,

A VR valoriza as conexões que unem pessoas, memórias e propósitos. É por isso que temos tanto orgulho em fazer parte do projeto O Bairro da Gente, que transforma a curiosidade e o olhar dos estudantes da Brasilândia em um retrato vivo da cultura local.

Mais do que um bairro, a Brasilândia é um mosaico de memórias, sotaques e talentos. Cada rua carrega uma narrativa única, e cada criança que participou deste projeto ajuda a revelar o que há de mais bonito na nossa cidade. Falamos sobre a força das comunidades que, todos os dias, constroem o futuro de São Paulo.

A VR nasceu com a missão de gerar impacto positivo por meio de soluções que transformam a vida das pessoas. Apoiar iniciativas como esta é uma forma de ampliar esse compromisso, democratizando o acesso à cultura e à educação. Acreditamos que, quando o conhecimento e a arte chegam a mais pessoas, novas possibilidades também florescem.

Que este livro seja um convite para enxergar a Brasilândia com o mesmo olhar curioso e sensível das crianças e dos adolescentes, um olhar capaz de revelar beleza onde muitos veem rotina. E que, ao virar cada página, você também se inspire a valorizar as histórias que fazem parte do bairro da gente.

Com carinho,

VR

*A maior malandragem é viver, proceder
Respeito é um bom lugar
Só quem é de lá pode entender, Brasilândia*
Cindy Mendes, Leilah Moreno, Negra Li e Quelynah

Brasilândia não é apenas um distrito, é identidade. Nas páginas que se seguem, a leitora e o leitor encontrarão a síntese de um significativo processo de valorização, protagonismo e reescrita da história. Esta obra nasce de pesquisas desenvolvidas por estudantes das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo, que caminharam pelo território, realizaram entrevistas e protagonizaram processos de investigações que descortinam alguns dos patrimônios materiais, imateriais e ambientais desse território tão rico em saberes e vivências.

Trata-se de uma iniciativa coletiva, de estudantes, de educadoras e educadores, da comunidade escolar e da Editora Olhares, que se soma aos movimentos de reconstrução da história a partir das vozes de quem vive e transforma o lugar.

Em diálogo com os saraus, as batucadas de beira de campo, as comunidades de samba, as corporeidades, os movimentos sociais, as griôs do território e os fluxos de funk, o livro *Bairro da Gente Brasilândia* apresenta um território permeado por memórias e por formas de conhecer/viver, e visões de mundo contra-hegemônicas — saberes de cá, da nossa gente.

As diversas experiências aqui apresentadas fortalecem o compromisso com uma educação antirracista, que valoriza a diversidade humana e cultural, reconhecendo a importância dos protagonismos e das autorias de povos originários, indígenas, negros e migrantes que compõem a nação brasileira. Perspectiva plenamente alinhada com os princípios do Currículo da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo.

É com imensa alegria que a Divisão Pedagógica (DIPED) da Diretoria Regional de Educação da Freguesia/Brasilândia parabeniza todas as pessoas envolvidas neste projeto e reconhece, nesta publicação, um importante passo para a consolidação de uma educação pública antirracista, inclusiva, integral e comprometida com a equidade.

Saudações a todas e todos que defendem a escola pública e insistem nela como um direito e como um espaço de acolhimento, pertencimento e felicidade!

DRE FB - DIPED - ENSINO FUNDAMENTAL





SUMÁRIO

10	AS MEMÓRIAS COMO PONTO DE PARTIDA
18	SAMBA DO CONGO E SARAU NA BRASA
26	DAS VÁRZEAS DA BRASILÂNDIA
34	A CAMINHO DA BRASILÂNDIA, RUA PARAPUÃ
42	TUSÃO, O BUSÃO DA QUEBRADA
50	LUGAR DE MEMÓRIAS E MEMÓRIAS DE LUGAR
58	ESCOLAS DE SAMBA DA REGIÃO
64	FUNK — A MÚSICA NA QUEBRADA
72	PÃO NOSSO DA BRASILÂNDIA



No começo do século passado, havia apenas sítios e lavouras naquelas terras fartamente irrigadas, na porção noroeste do município de São Paulo. Em meados dos anos 1940, imigrantes chegavam aos milhares à capital paulista e precisavam de casas, assim como moradores do centro, que estavam sendo expulsos por obras de modernização do traçado urbano. Os donos de uma olaria local lotearam os terrenos que possuíam e ofereceram condições de pagamento convidativas e tijolos e telhas para estimular as construções. Estava dado o primeiro impulso.

Multiplicada em 41 bairros, ocupados por mais de 240 mil pessoas, segundo o Censo de 2022, a Brasilândia, hoje um subdistrito, é uma das regiões mais populosas de São Paulo e uma potência cultural.

Asfalto, transporte, saneamento e estruturas de saúde e educação foram conquistados graças à organização dos moradores e à custa de incansável pressão junto aos poderes públicos. Futebol e samba vieram da disposição para a alegria e para o convívio — e de reservas de talento. E a solidariedade que move um número admirável de organizações e pessoas ocupadas em ajudar e socorrer faz parte do caráter da Brasilândia. Combinam com essa história o amor ao lugar e o merecido orgulho da nova geração por suas raízes, que aparecem na escrita dos alunos de escolas municipais da região.

AS MEMÓRIAS COMO PONTO DE PARTIDA

EMEF Senador Milton Campos
Professora Soraia Rodrigues da Silva
Turmas 6º ano A e B e convidados do 8º ano A

Canção da Brasilândia

(Início com batida de rap suave, com um sample de pandeiro ao fundo)
No asfalto quente, o sol se levanta,
Na Brasilândia a vida avança.
Da quebrada que nunca se cala,
Cada esquina uma nova fala.
Grafite nas paredes, arte de rua,
A periferia que faz a luta.
Menino sonhador, menina de fé,
Construindo o futuro, seja o que for que vier.
Brasilândia, meu lugar, minha raiz,
Aqui a gente vive e aprende a ser feliz.
Na batida do tambor, no ritmo da voz,
Essa é nossa história, escrita por nós.
Brasilândia, força que não se dobra,
Em cada verso, a nossa obra.
Wesley Garcia de Moraes

A Brasilândia é um lugar periférico de São Paulo. A vida nem sempre é fácil na quebrada, mas, se alguém tem dúvida sobre o sentimento dos nossos jovens pelo território, basta ler e sentir pulsar o poema/rap do Wesley: há muito amor e muito orgulho correndo nas veias do pessoal.



Agora, quer saber como tudo começou por aqui? Se liga neste relato. Ele situa a Brasilândia no tempo e no espaço, isto é, na história e no mapa de São Paulo, além de adiantar alguns de seus tesouros:

Nosso território

No começo era um bairro, a Vila Brasilândia, que nasceu do desmembramento de sítios e chácaras entre a zona norte e a zona oeste de São Paulo. O dono de um desses sítios, que cultivava cana-de-açúcar e produzia uma pinga famosa, chamada Caninha do Ó, chamava-se Brasília Simões. O nome Brasilândia, segundo se conta, veio de Brasília.

A Brasilândia fica na zona norte da cidade, entre os bairros Cachoeirinha, ao leste, Serra da Cantareira, ao norte, e Pirituba, a oeste. Entre os seus bairros mais conhecidos estão Jardim Icaraí, Jardim Princesa, Jardim Elisa Maria, Jardim Guarani, Jardim Teresinha, Morro Grande, Jardim Damasceno, Iraque da 17, Largo da Pancada, Jardim Maristela e Vila Isabel. Em 2025, segundo o Censo de 2022 do IBGE, já eram 41 bairros, com 240 mil habitantes.

Ana Clara Felix de Souza, Ana Eloiza Silva Fernandes, Rebeca Ivo de Oliveira, Yasmin de Souza Dantas e Ysabella Iris Santos Nascimento



E não para por aí, os alunos caminharam pelo bairro e se transformaram em guias, apresentando suas casas e os caminhos percorridos até a escola. O Pyetro, por exemplo, contou uma curiosidade — daquelas bem curiosas mesmo — sobre como as coisas foram evoluindo por aqui.

Vielas da Brasilândia

Antigamente, as vielas da Brasilândia não tinham nome — eram apenas numeradas: 1, 2, 3, 4... Quando a Sabesp, a empresa estadual de saneamento, chegou para instalar os encanamentos de água e de esgoto é que as vielas ganharam nomes. As da rua Pérsio de Souza Queiroz, do bairro Vila Isabel, por exemplo, ganharam alguns nomes poéticos, como Inverno de Junho e Verão de Dezembro, e outros familiares, como Sérgio, Sibebe, Filho, Natália, Domenica, entre outros.

As identificações facilitaram o trabalho de entregadores e de motoboys, e assim melhoraram a vida dos moradores, mas até 2025 o pessoal do correio ainda precisava ligar para os moradores para irem buscar encomendas.

Pyetro Henrique Santos da Silva



Este é um livro sobre patrimônios da Brasilândia. Ou seja, tudo que tem valor pra gente. Para saber mais, a turma foi conversar com duas guardiãs da memória local, dona Maria Cícera de Salles e dona Francisca Aparecida de Freitas, que contaram sobre espaços tradicionais que fazem a história do bairro.



Bar da dona Franca

O bar da dona Franca, localizado no Jardim Carumbé, um dos bairros mais antigos da Brasilândia, tem mais de 38 anos. Na mesma rua, em frente ao bar, fica a Quadra do Canarinho, onde jogam vários times, como o Melhor Qualidade, fundado pelo senhor Francisco, filho da dona Franca, o Mano a Mano, o Ajax, o Vila Real, o Paulistinha e o Explosão.

O Melhor Qualidade ganhou vários troféus, que ficam expostos no bar da dona Franca, como lembrança de suas vitórias nos jogos. Antigos e novos jogadores se reúnem lá até hoje, para comemorar as vitórias comendo um churrasquinho. Na parede veem-se fotos de grandes momentos do time, depois de fazer história ao ganhar campeonatos, e fotos de viagem.

Camilly Moreira Viana e Gabriela Ferreira de Sousa

A história da dona Franca é bem bacana, mas várias vezes, olha que legal, essas memórias boas são de coisas que acontecem dentro da nossa escola.

Projeto Criumundo

Em outubro de 2012, André Silva, morador da Brasilândia que jogou no time PVI, fazia uma festa para as crianças com churrasco e presentes. Então, ele pensou num projeto: “Por que não formar um time de futebol com essa criançada da comunidade Brasilândia, Vila Icaraí?”. Numa reunião, os fundadores pensaram no nome Criumundo, porque pretendiam com o time criar um mundo melhor para as crianças.

As aulas e os treinos para meninos e meninas, crianças e adolescentes, de 6 a 15 anos, acontecem nas manhãs de sábado, na quadra da EMEF Senador Milton Campos. Todos recebem o uniforme azul do time, composto de short e dois pares de meias. Só é necessário levar sua chuteira de futsal. Depois do treino, os atletas recebem um lanche: pão com presunto, paçoca, um doce chamado gíbi e toddy ou suco.

O time do Criumundo já ganhou muitos troféus. Foi à Copa RJ Sub-10 em 2023 e conquistou o vice-campeonato na Copa São Sebastião Sub-7. Em 2024, caiu nas finais da Copa Canarinho Várzea Kids, mas está sempre de olho no próximo jogo.

Kaio Henrique Ribeiro Santos
e **Wesley Garcia de Moraes**



Agora vamos em frente, conhecer esses patrimônios da gente, que assunto não falta aqui na Brasilândia.

SAMBA DO CONGO E SARAU NA BRASA

EMEF Senador Milton Campos
Professores Anne Yasmin Cavagna, Lincoln Franzi Messias e Ramiro Ribeiro de Almeida
Turmas 9º ano A, B e C

Tradição, alegria e poesia: há tudo isso nessas duas instituições superimportantes.

Depois de bater um papo com fundadores e integrantes do Samba do Congo, os alunos compreenderam como ele engrandece a Brasilândia. Olha só o que eles têm pra contar:

A frente de resistência Samba do Congo teve início em abril de 2011, com o objetivo de resgatar e difundir o samba paulista e a cultura afro-brasileira.

Foi fundado no Morro Grande, bairro da Brasilândia, por moradores liderados por Fernando Ripol, que está no comando até hoje. O nome africano vem da história do bairro: a avenida Elísio Teixeira Leite, onde fica o Samba, era conhecida como estrada do Congo. Ali acontecem rodas semanais e, uma vez por ano, um cordão carnavalesco, com marchinhas homenageando personalidades. Suas músicas mais cantadas são “Nossa quebrada”, “Marchinha do Cordão do Congo” e “Música refração”.

Júlio Cesar Cunha Soares e Pedro Henrique Martins da Silva



Ele representa a cultura negra e a realidade do povo periférico. O samba está ligado às religiões de matriz africana e aos dialetos dos povos negros. Mais de 50% da nossa população é composta de pessoas negras, e a valorização da cultura afro-brasileira é importante para toda a sociedade. No samba, a Velha Guarda, grupo de idosos da comunidade, procura transmitir aos mais novos a história e a cultura dos ancestrais, para manter vivas as tradições. Como canta a Alcione, “não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar, o morro foi feito de samba e o samba para gente sambar”.

Emily Vitoria de Almeida Novais, Laryssa Aparecida de Campos Borba e Yasmin Domingues Bueno de Camargo

O Miguel e a Sabrina se transformaram em personagens de um belo diálogo, para falar de um convite para lá de bom:

- Oi, Sabrina! Você já ouviu aquela música “Nossa quebrada”, do Samba do Congo?
- Não conheço, Miguel. É legal?
- Mano, tipo, a música fala sobre pessoas da quebrada para mostrar o seu samba, que fala sobre a periferia transformando suas realidades em música, e é um convite para que as pessoas conheçam melhor o movimento cultural.
- Ah! Lembrei! A sede deles é perto da minha casa, e o meu vô vai lá de vez em quando.
- Você mora na Elísio Teixeira Leite?
- Eu moro na rua de cima!
- Então, antigamente essa rua se chamava estrada do Congo porque era o caminho para um quilombo que havia na região. O Samba do Congo tem esse nome porque ele fica perto desse lugar.
- Ai, que legal! Eu queria ir, mas nada a ver ir com o meu avô. Bora ir juntos?
- Bora!

Miguel Obioma Silva Brite e Sabrina Oliveira Theodoro da Silva





Mas e o Sarau da Brasa? Calma, as turmas também fizeram uma pesquisa sobre ele e entenderam por que tem tanta força na comunidade.

Tudo começou com uma mistura de ideias, entre elas, principalmente, as da fotógrafa e escritora Sonia Regina Bichain Rosa, que na década de 1970, na época da ditadura, já participava de movimentos culturais.

Sônia sempre lutou por melhorias em sua região. Queria mais cultura, não só para ela, para toda a comunidade. Quando seus três filhos nasceram, ela ficou um pouco afastada dos movimentos, mas depois eles cresceram, seguiram seu exemplo e fundaram com os amigos, em 2008, a sede do Sarau da Brasa.

O objetivo é incentivar a literatura, a poesia, as artes plásticas, o teatro e a música da periferia. Os membros do grupo apresentam saraus e espetáculos de teatro e de música, e podem ser vistos presencialmente ou em suas redes sociais.

Ana Rebeca Alves Monteiro, Kauana Almeida Santos, Marcela Rodrigues dos Santos, Mariana Alexandria Almeida Xavier Ribeiro, Murilo Ironildo Jordão de Franca e Thaylla Souza Silva

No sarau, com microfone aberto, moradores e seus convidados transformam sua vivência em versos, rimas e manifestações artísticas. É um espaço de resistência, acolhimento e identidade, onde rua vira palco e a periferia mostra sua potência criativa. Mais do que um sarau, é um movimento que aquece, inspira e transforma quem participa.

Yasmin Vitória Vieira da Silva

O Kelvyn escreveu como se fosse um repórter de jornal — e daqueles bem craques:

Brasilândia, São Paulo — A comunidade da Brasilândia foi palco, no último sábado, de mais uma edição do aclamado Sarau da Brasa, evento que, desde sua concepção, tem sido um farol para a expressão artística e cultural na região. Ao garantir que a poesia encontre ritmo e a voz do povo ecoe livremente, o Sarau da Brasa reafirma seu compromisso com a valorização da arte como ferramenta de transformação social.

É crença inabalável de seus organizadores e participantes de que a cultura é um direito fundamental, e o acesso a plataformas de expressão é essencial para uma comunidade vibrante e consciente. O Sarau da Brasa, portanto, não é apenas um evento, mas um movimento que nutre talentos locais, fomenta o pensamento crítico e fortalece os laços comunitários.

Nesta edição, as manifestações artísticas incluíram desde declamações poéticas carregadas de emoção e reflexão até apresentações musicais que mesclavam ritmos tradicionais com sonoridades contemporâneas. Além disso, houve dança, teatro e artes visuais, demonstrando a diversidade de talentos da Brasilândia.

Kelvyn Edward dos Santos Nicolau



No conto da Maria Glória, a notícia encontra a ficção e a poesia, com foco na personagem da dona Lúcia.

Notícia de poesia na quebrada

A notícia era simples: moradores da Brasilândia se reúnem para mais uma edição do Sarau da Brasa. Mas, para dona Lúcia, aquilo era O evento. Dona Lúcia preparou o vestido azul de chita, passou perfume e chamou o neto: “Vamos, Juninho, tem poesia ali na pracinha”. Feira de ideias e sentimentos Pelo ar, ecoava a voz de quem sente. Dona Lúcia não perdia um pingo. Escutava.

A moça que falava da mãe, o menino que rimava ligeiro e acelerado, o velho que recitava sem papel, de cor. Juninho ficou quieto no canto, mas no fim puxou o celular e escreveu uma poesia.

Na volta para casa, ele mostrou.

“A veia não escreve poesia.”

Dona Lúcia sorriu.

A notícia do dia. Animadora.

Seguinte, não direi nada. Para eles, foi o melhor capítulo da semana.

Maria Glória da Silva Santos

DAS VÂRZEAS DA BRASILÂNDIA

EMEF Theo Dutra

Professores Danilo de Goes Prado e Helenice Bueno Nunes

Turmas 9º ano A, B e C

Uma rede de córregos e riachos, como o Taguaçu e o Rio das Pedras, hoje canalizados, corria pelos 21 quilômetros quadrados do que é hoje a Brasilândia. Volta e meia eles transbordavam, cobrindo as várzeas de barro. As várzeas e o barro estão na origem da Brasilândia. Graças a uma grande olaria que existiu na margem do córrego Rio das Pedras, o que era zona rural, no começo do século XX, começou a se urbanizar. O pessoal da escola pesquisou esses tempos pioneiros:

Em 1946, os proprietários da olaria, a família Bonilha, lotearam os terrenos do entorno. Além de facilitar o pagamento, doavam tijolos e telhas, feitos com o barro da várzea, para estimular a construção. Graças a isso, muitas famílias que não tinham condições financeiras conseguiram construir uma casa.

Quando chovia, o córrego Rio das Pedras transbordava para todos os lados, inundando as casas e até mesmo a olaria. Com o tempo, os moradores conseguiram que o córrego fosse fechado e coberto de asfalto. Atualmente, ele dá lugar à famosa avenida João Paulo. Para acabar com as enchentes, hoje existe um piscinão.

Ana Julia Nascimento da Silva, Bryan Levi Martins da Silva e Diana Silva Marino



Para entender bem a Brasilândia, é bom saber que várzea é cultura. É a característica do nosso território, parte da nossa vida, e onde nossas expressões coletivas foram ganhando forma ao longo do tempo. Os alunos fizeram verdadeiros tratados sobre esse tema. Muito lindo de ler.



Dizem que o futebol e o samba são irmãos, nascidos na mesma quebrada. Os moradores mais velhos da Brasilândia contam que, pelas encruzilhadas, ainda podem sentir a energia do samba e ouvir os gritos de gol que marcaram a história da região.

O largo da Pancada, no bairro, tem esse nome porque, no passado, era com a pancada da roupa na pedra que as lavadeiras que trabalhavam nas águas da várzea marcavam o ritmo de sua cantoria. Era uma batida igual à do atabaque das religiões de matriz africana para chamar os ancestrais. Enquanto elas trabalhavam, as crianças brincavam e corriam nas várzeas, algumas sonhavam em virar jogadoras e outras aprendiam a bater.

Nas várzeas da Brasilândia, iriam nascer duas glórias do bairro: o time de futebol Glorioso e, das batucadas à beira do campo, expandindo as vitórias da nossa gente, a escola de samba Rosas de Ouro, em 1971. Sambistas misturados com boleiros, nada mais brasileiro do que a história da Brasilândia.

Os batuques foram trazendo as raízes dos terreiros, vindas da África, que, misturadas a rituais indígenas, originam também o Catimbó. São as raízes do povo que plantou a Rosas de Ouro, para orgulho e representatividade da nossa gente — gente da Várzea, da Ponta da Praia, da Miranguaba, do Parque Pedroso, da Vila Penteado, do Piscinão... Nossa origem ainda ecoa na Brasilândia. Como dizia o saudoso poeta Guíça:

Já faz muito tempo,
faz tempo demais.
Foi bem antes do Cândia
Que se fazia samba
Na minha Vila Brasilândia.
(Fê Braga, Guíça e PH do Surdo)

Anderson Henrique de Jesus Lino
e Diana Silva Marino

As várzeas foram terreno fértil para o sentido de comunidade e a riqueza cultural da Brasilândia. Nasceu ali, em novembro de 1949, a Associação Atlética Santa Cecília da Vila Penteado, numa época de forte crescimento urbano e organização comunitária. Formado inicialmente por descendentes de italianos que habitavam a antiga chácara da família Penteado — origem da Vila Penteado, bairro do distrito de Brasilândia —, o clube logo se tornou um dos símbolos do lugar. A partir da década de 1950, cresceu a participação da comunidade negra, que era maioria no bairro.

Com suas camisas nas cores grená e branca, inspiradas no Torino Football Club, da Itália, que havia perdido seus jogadores em um acidente aéreo em 1949, o time se destacava visualmente de outros clubes amadores da época — não só pela estética, mas pela força coletiva que carregava.

Em reconhecimento à importância do clube para a comunidade, a Câmara Municipal de São Paulo deu seu nome a uma praça próxima à rua Guaíçara: praça Santa Cecília do Penteado. Desde os primeiros anos, o Santa Cecília participou ativamente de campeonatos, torneios e festivais de futebol de várzea, acumulando títulos e troféus. Muitos jogadores do Santa, como Torão, Mauro e Beto, ficaram conhecidos no bairro e no futebol de várzea de São Paulo.

A organização também passou a desenvolver projetos sociais e culturais, sempre com muito samba. Deixou de ser apenas um clube esportivo e alcançou outras dimensões da vida local. Em 2025, Hebert Vieira Lima, avô do Hilbert, do 9º ano A, era responsável por essa função social que o time assumiu com o passar dos anos.

Atualmente, membros da comunidade atuam na organização e na manutenção do clube, para garantir a continuidade do projeto. O Santa Cecília da Vila Penteado é reconhecido como um coletivo que une gerações em torno de uma história comum, que é muito mais do que futebol: é uma família construída ao longo dos anos.

Ana Julia Nascimento da Silva, Hilbert Nathan Oliveira Vieira Lima, Moreha Pereira Sampaio Delfino e Sarah Cristina Felix da Silva



Uma das estrelas da Brasilândia, Maria Helena, Embaixatriz do Samba, cidadã do samba da cidade de São Paulo em 2004 junto a seu marido, o sambista Dicá, visitou a escola e conversou com os alunos. Ela é fundadora da Velha Guarda da Sociedade Rosas de Ouro, a escola de samba da Brasilândia, é ativista cultural e griô do território — guardiã da memória e das tradições orais. Para contar quem é Maria Helena, os alunos escreveram uma biografia em forma de poema:

Uma Maria me contou
Sua história e tradição
Que começou desde muito tempo
Ao superar o sofrimento
E gerar a união

Negra, forte e resistente
Que viveu muitas histórias
Sem esquecer o passado
E deixará o seu legado
Para muitas outras vitórias

Do samba que une as Marias
Uma presença serena
E ao mesmo tempo forte
Guerreira da Zona Norte
A luta de Maria Helena

Nos contou que antigamente era barro
Tinha que segurar na mão
Ali, quando chovia
A rua ficava escorregadia
As Marias se ajudavam para não cair no chão

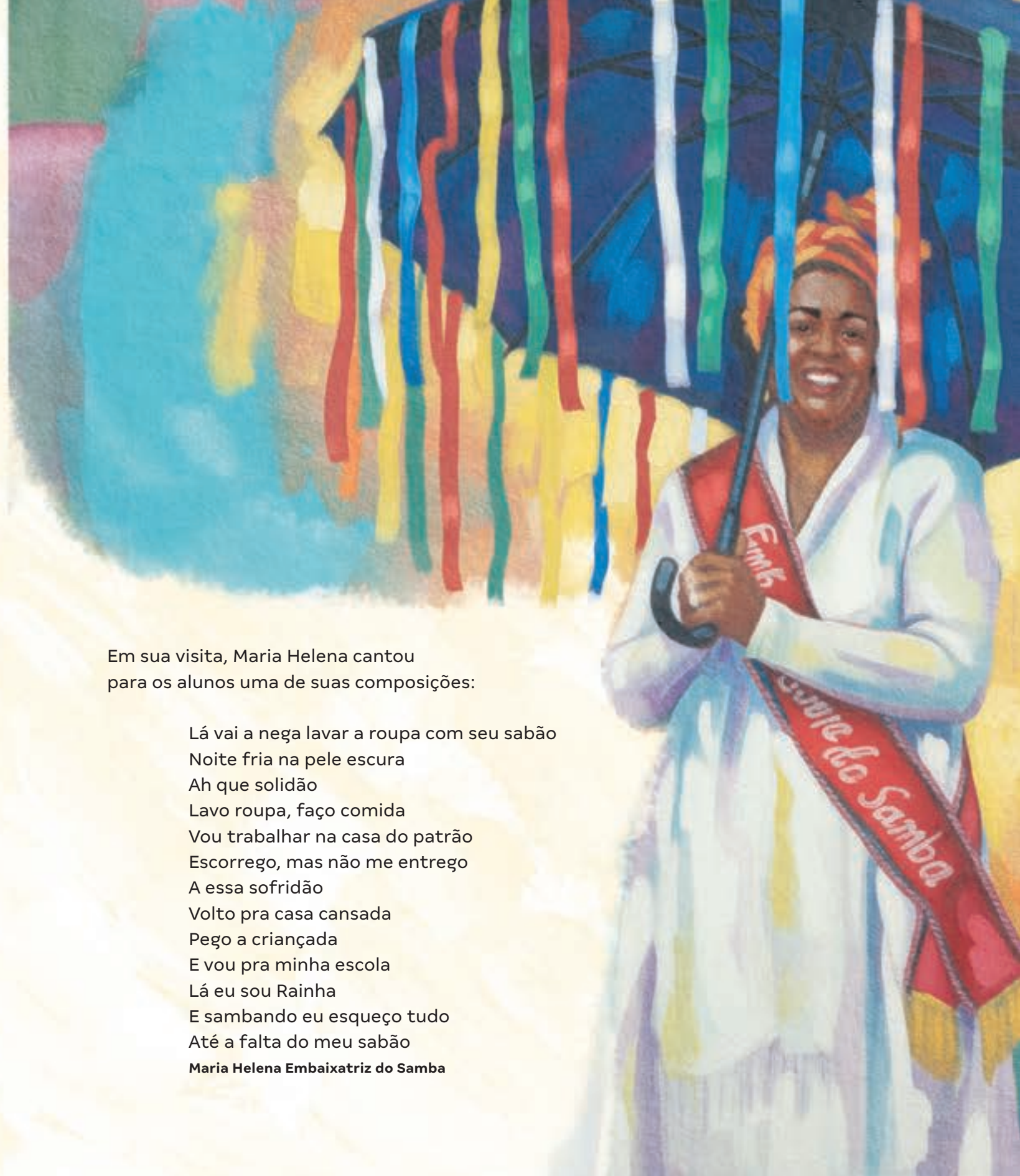
Maria do Barraco, Maria da Igreja, Maria Preta
Todo dia na mina
Água as mulheres iam buscar
Pra lavar, pra cozinhar
Mas não se curvaram a sua sina

No brejo nasceu a flor
Tão linda como taboa
Uma Rosa, um tesouro
Brilhante como o Ouro
Sua voz em nós ressoa.

**Beatriz de Melo Santos, Beatriz de Oliveira Alves e Silva,
Débora de Barros Gomes, Emilly da Silva Lopes, Mirian
Ferreira de Araújo Santana e Sarah Cristina Felix da Silva**

Em sua visita, Maria Helena cantou
para os alunos uma de suas composições:

Lá vai a nega lavar a roupa com seu sabão
Noite fria na pele escura
Ah que solidão
Lavo roupa, faço comida
Vou trabalhar na casa do patrão
Escorrego, mas não me entrego
A essa sofredão
Volto pra casa cansada
Pego a criançada
E vou pra minha escola
Lá eu sou Rainha
E sambando eu esqueço tudo
Até a falta do meu sabão
Maria Helena Embaixatriz do Samba



A CAMINHO DA BRASILÂNDIA, RUA PARAPUÃ

EMEF Jardim Guarani
Professor Matheus Santos Costa
Turma 6º ano D

Como chegar à Brasilândia?

Esse era o tema do pessoal da escola no começo da pesquisa. Aí eles concluíram que a rua Parapuã dava conta ao mesmo tempo do sentido de acesso ao lugar e da sua história. Assim, decidiram escrever apenas sobre essa rua. E não era pouco assunto.

Parapuã é uma palavra indígena que significa “entre rios”. É uma rua comprida, de quase 2 quilômetros, que liga a avenida Itaberaba a duas outras vias que também já estavam nas origens do bairro — a estrada Amâncio de Barros, que os moradores brincavam que tinha esse nome por causa do lamaçal dos dias de chuva, e a estrada do Sabão, chamada assim por um motivo parecido: os caminhões que trafegavam por ela, antes do asfalto, derrapavam na lama, como se ela fosse feita de sabão.

— E a Parapuã: não tinha lama?

— Ô, se tinha!

Um antigo morador lembrou que os primeiros ônibus passavam aperto para trafegar por ela em dias de chuva.





Em 1947, havia no bairro a pedreira Veja. Muitos de seus funcionários instalaram-se no bairro com suas famílias. Um deles, o encarregado de obras João Rodrigues, português, já falecido, contou em depoimento para o blog Brasilândia News, que era encarregado de jogar cascalho na rua Parapuã, para facilitar a circulação de veículos.

Na década de 1950, a Parapuã concentrava o comércio da região — os ambulantes, a feira livre e as primeiras lojas —, além de ser o caminho da Igreja de Santo Antônio, onde aconteciam as quermesses e as festas juninas. Duas senhoras que os alunos entrevistaram, dona Maria de Souza, de 81 anos, e dona Maria das Dores Batista Marques, de 59, contaram que, por isso, os antigos moradores a consideravam o centro do bairro e se referiam a ela como “a Brasilândia” — “Vou à Brasilândia”, eles diziam, quando se dirigiam a essa rua.

Nos anos 1970, a Parapuã já fervilhava de gente e movimento. Outra ex-moradora que a conheceu naqueles tempos escreveu numa rede social que tinha saudades do cinema Center Ville, que passava bons filmes, de um conjunto musical chamado Os Grillos, que tocava nas quermesses, de uma padaria Vera e de uma farmácia “do Irineu. O lamaçal ainda continuava, mas nem por isso ela sente menos saudade. Segundo escreveu, eram “tempos de paz”.

Muita história! Mas agora a Parapuã de que os alunos falam aqui é a de 2025:

Para começar, a rua é bem grande e tem muitos comércios, então, para quem mora lá, as coisas são mais perto. Mas o lado negativo é que tem muito barulho. Em compensação, a rua fica lindíssima à tarde — fica com um brilho tão bonito que não há quem consiga explicar.

Ana Clara Sofia Paulina Souza, Emanuelle Vitoria de Carvalho Santos e Emily Souza Araujo de Oliveira

Quando nossas autoras passam pela Parapuã, gostam de imaginar o que pode ter acontecido por ali no passado — momentos felizes ou tristes, discussões e até crimes! Divertem-se imaginando histórias para aquele cenário.

Elas tiveram uma ideia muito legal: escreveram como se a Brasilândia falasse com a Parapuã!

Prazer, rua Parapuã

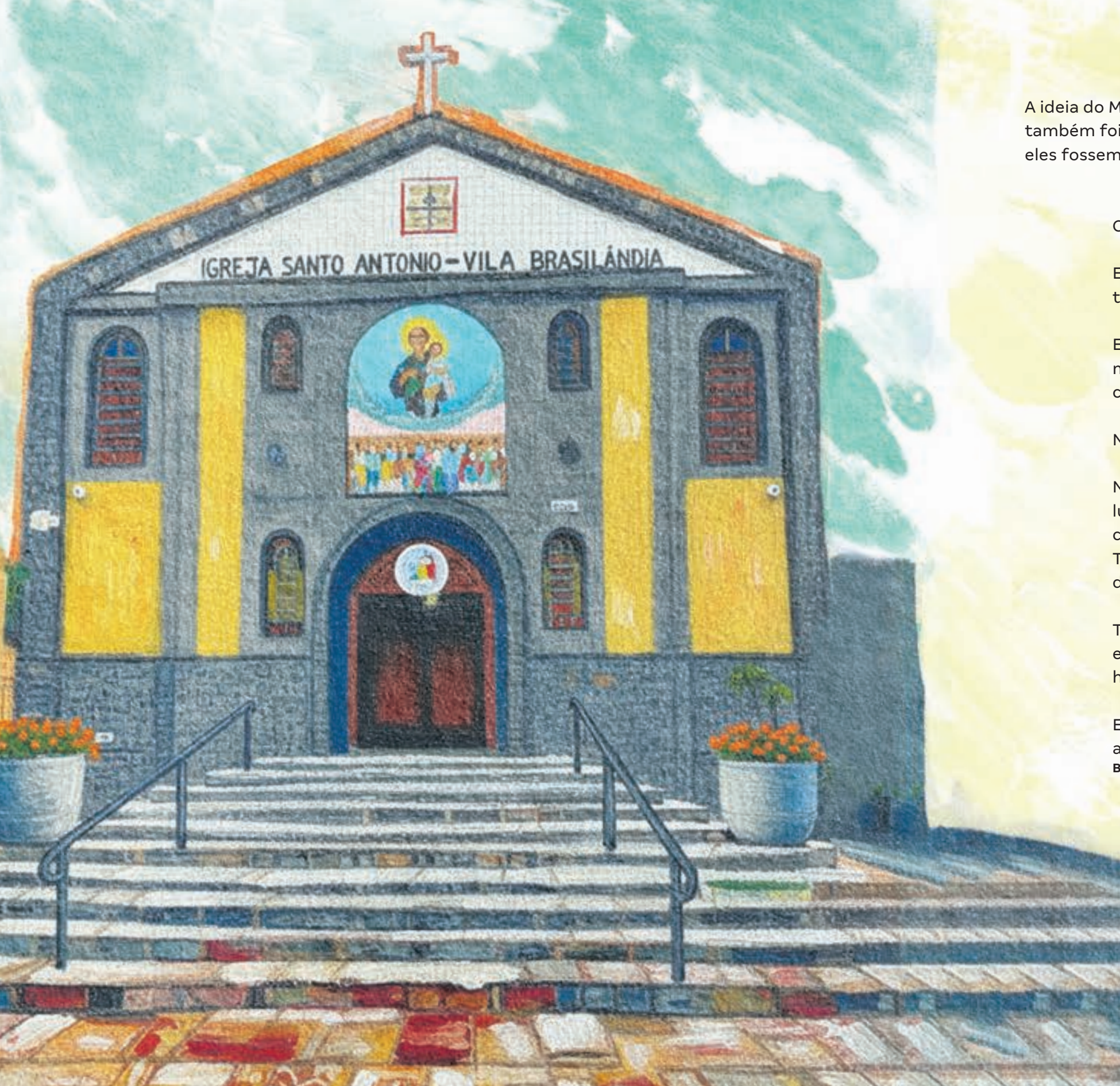
Minhas ruas são agitadas, corre, corre grande São Paulo. Trabalhadores, comerciantes e grandes construções. Mas... será que eu sempre fui assim?

Estradas de barro, comércios distantes, sem muita iluminação, sem semáforos, mas agora terei mais uma estação própria da Brasilândia. Meu passado, minha história nunca será apagada...

Nossa Igreja Santo Antônio é um belo exemplo disso. A história do começo da Brasilândia sempre será recontada.

Ana Clara Sofia Paulina Souza, Emanuelle Vitoria de Carvalho Santos e Emily Souza Araujo de Oliveira





A ideia do Matheus, do Bryan e do Rafael também foi incrível: escrever como se eles fossem a própria rua!

Olá, vim contar a minha história. Tudo começou no século XX.

Era apenas uma viela que conectava bairros próximos. Com o passar do tempo, cresci e me tornei uma importante artéria comercial e residencial.

Eu tenho aproximadamente 1,5 km de comprimento e sou conhecida por minhas lojas, restaurantes e bares. Além disso, sou uma rua residencial com prédios e casas que abrigam famílias.

No começo, muitos imigrantes estavam vindo morar em mim.

Não sou conhecida por ter pontos turísticos. No entanto, existem alguns lugares interessantes que podem ser observados ao caminhar por mim, como diversos comércios, lojas, restaurantes, padarias e mercados. Também é possível observar diferentes arquiteturas nos prédios e casas, desde as construções antigas até edifícios modernos.

Tenho igrejas e templos religiosos. Como qualquer rua movimentada, eu enfrento alguns desafios, como o trânsito congestionado durante horários de pico.

Eu tenho duas melhores amigas, a avenida Ministro Petrônio Portela e a avenida João Paulo I. Ah, fui loteada em 1947, ou seja, hoje tenho 78 anos.
Bryan Ryan Silva Azevedo, Matheus da Silva Marques e Rafael dos Santos Rodrigues da Silva

TUSÃO, O BUSÃO DA QUEBRADA

EMEF André Alckmin
Professor Sérgio Rosa Chagas
Turma 8º ano A

Inicialmente, o assunto não tinha cara de patrimônio do bairro, mas, depois de se jogar na pesquisa, conversar com a família e com vizinhos e reunir muita informação, a turma compreendeu que ele era vital para a Brasilândia: sua primeira linha de ônibus. Olha o que os alunos descobriram:

Nos anos 1950 as ruas da Brasilândia eram de terra batida e mal iluminadas. A região era considerada zona rural, e o transporte era um grande desafio. Muitas pessoas iam a pé para o trabalho, pegavam carona ou viajavam na carroceria de caminhões, o que era bem perigoso. Os que caminhavam até seu destino ou até algum longínquo ponto de ônibus levavam um par de sapatos para trocar na chegada — o que calçavam ficava puro barro. Foi só em 1958 que o ônibus da empresa Tusa, apelidado carinhosamente de Tusão, começou a circular pela Brasilândia.

A chegada do ônibus significou um avanço importante para os moradores, que agora podiam ir ao trabalho, à escola ou ao centro de São Paulo com mais segurança. Estavam surgindo os movimentos sociais da região, para lutar por melhorias: asfalto, iluminação, água encanada e, claro, mais linhas de ônibus.

No começo, o ônibus foi olhado com desconfiança: era grande, barulhento e parecia frágil nas ladeiras. Mas logo as pessoas se acostumaram. Mesmo com os solavancos, a lotação e os bancos duros, ali dentro histórias se cruzavam, amizades nasciam e até o amor acontecia.

Ana Julia Silvério Souto, Ana Luiza Almeida de Andrade, Beatriz Diniz Balbino, Eloá Cristiny Nascimento de Godoy e Thiago Henry Ferreira de Oliveira



Esse “amor acontecia” é o tema de dois contos escritos por alunos. Aqui vão trechos deles:

Um “conto” de Maria e José

Maria trabalhava em uma fábrica de bolsas e sapatos. Uma tarde, na volta para casa, cansada, pegou o Tusa sentido Brasilândia. E foi ali, entre um solavanco e outro do busão, que subia a ladeira da estrada do Lázaro, que Maria conheceu José: um homem bonito e gentil. Começaram a pegar o Tusa juntos quase todos os dias e, com o tempo, foram se conhecendo melhor durante o trajeto.

Os sentimentos começaram a crescer entre os dois. Em menos de um ano de encontros dentro daquele ônibus barulhento, José a pediu em casamento. O primeiro filho do casal, Jorge, cresceu ouvindo a história de como seus pais se apaixonaram dentro do velho Tusa da Brasilândia — para muitos, era só um meio de transporte, mas, para eles, era parte da memória afetiva.

Isabella Silva Souza e Yasmin de Almeida Silva



Paixão no Tusão

João já estava acostumado com a multidão, os empurrões, o calor do Tusão. Quem morava na periferia e dependia do transporte público, conhecia bem essa realidade. Mas, naquele dia, algo diferente aconteceu.

Entrou no ônibus uma moça — mas não era qualquer moça. Era a mais bonita que João já tinha visto na vida. Como o ônibus estava cheio, os dois acabaram bem próximos, quase dividindo o mesmo espaço entre os corredores apertados e os solavancos da estrada do Lázaro, na Vila Teresinha.

Mesmo tímido, João decidiu puxar conversa:
— Ônibus cheio, né?

Em alguns minutos, os dois já estavam rindo, trocando histórias curtas, olhando-se com aquele brilho de quem se reconhece. Desceram no mesmo ponto e foram cada um para seu lado — mas com o coração batendo mais rápido. Tinha sido o começo de algo especial. Na Brasilândia, o Tusão nunca foi só um ônibus. Às vezes, ele também era o cenário onde novas histórias começavam.

Ana Beatriz Rodrigues de Oliveira, Guilherme Souza Ferreira, Kaick Ivan Santos de Queiroz, Levi Silva de Moraes e Marcelo Guedes dos Santos Junior

Quatro alunos escolheram se colocar na cabeça de um passageiro imaginário para descrever, em forma de poesia, uma viagem cheia de... pequenos acidentes.

Da quebrada vem, da quebrada vai
Todo dia quando entro no ônibus
Para ir trabalhar
Me afundo em pensamentos
Tristes e solitários
Sabendo que meu chefe vai gritar
E minha paciência vai esgotar
E depois o busão novamente tenho que pegar.

Quando você está no busão você vê cada coisa
É um empurra-empurra
E quando alguém solta um peido
Não tem escapatória.

Um ônibus lotado
Pessoas para todo lado
O motorista parece embriagado
Pessoas caindo por todo lado
Tem até banco quebrado.
**Ana Beatriz Rodrigues de Oliveira, Guilherme Souza Ferreira,
Levi Silva de Moraes e Marcelo Guedes dos Santos Junior**

Este poema sobre um truque da garotada que queria chegar ao centro sem pagar a passagem foi escrito pela turma inteira, em conjunto, depois de uma pesquisa na internet:

Olha o Tusão passando, está lotado!
Não parou no ponto, não!

A rapaziada já sabia,
e na malandragem já ficavam
esperando nas subidinhas
onde o motorista era obrigado

Lá vem ele devagar...
a reduzir a velocidade
e trocar de marcha,
era só uma corridinha
e um pulo pra pendurar

Pendura na porta aê!
Ir para o trampo nessa época
era aventura.
E o Tusão seguia, seguia...
Produção coletiva

O grupo que fez uma pesquisa sobre o ônibus na memória da região decidiu escrever seu relato como se fosse de uma pessoa só. Aqui vai um trecho:

O antes e o agora do busão

Minha avó contou que antigamente era muito ruim andar de ônibus saindo da Brasilândia. Lotado, demorava para passar. Não tinha conforto nem ar-condicionado, a tarifa era cara e muitas vezes a galera não tinha dinheiro para pagar. Meu pai conta que naquela época a criançada passava por baixo da catraca e descia pela porta de trás, era uma aventura. Não bastasse tudo isso, ainda tinha um apelido racista, que hoje causaria revolta. Chamavam o Tusão de “Urubu sem Asas”, por causa da quantidade de pessoas pretas que moram na Brasilândia.

Antigamente não tinha Bilhete Único, era passe de papel. Parece que hoje está um pouco melhor, mas não muito melhor. Entra governo, sai governo, e pouca coisa muda. E agora, ao contrário do passado, ficou mais difícil fazer amizade no busão.

Alessandra da Silva Matos, Ana Luiza Almeida de Andrade, Beatriz Diniz Balbino, Guilherme Luan Ramos de Oliveira e Matheus Italo Jesus Galvão Alves



O Levi e o Marcelo aproveitaram as lembranças coletivas para imaginar o futuro. Os moradores esperam há muito a chegada do Metrô à Brasilândia.

O transporte do futuro na Brasilândia

Foi o Tusão, chegou Metrozão
Meu sonho, ir de metrô assistir o meu Timão
E não é mais sonho, o metrô está chegando
Virou realidade.

Ouvi dizer, um teleférico na Brasilândia?
Parece mentira, mas a proposta é real
No morro o teleférico é inovação
Que até parece a salvação.

Teleférico no ar
Ele não pode parar
Quero no meu destino chegar
Para a minha vida melhorar.

No futuro de metrô eu vou andar
A cidade explorar
E quando à Brasilândia eu voltar
Talvez um teleférico a me esperar.
Levi Silva de Moraes e Marcelo Guedes dos Santos Junior

LUGAR DE MEMÓRIAS E MEMÓRIAS DE LUGAR

EMEF André Alckmin

Professores Silvio Martins Ferreira e Caio Rodrigues Silva

Turma 7º ano C

A escola é muito mais do que um prédio e uma instituição que frequentamos para aprender. Ela é um pedaço da nossa vida, uma época em que vivemos experiências que nos marcam e que lembraremos para sempre. Para a turma da Escola André Alckmin, na Brasilândia, a escola tem esse significado, também. A aluna Giselly pensou na beleza disso e escreveu um poema:



Em cada canto,
um saber a brotar,
na sala de aula,
o saber a brilhar.

Cadernos abertos,
a escola em mãos,
lápiz e livros,
a nos levar à lição.

Professores sábios
nos ensinam a crescer,
as lições da vida
com amizade a florescer.

Novas jornadas,
companheiros leais,
amigos de verdade,
juntos e mais.

Desvendando os sonhos,
e nos inspirando,
fazemos da escola
um lugar tão lindo.

Para estudar e sonhar,
é um mundo de sonhos,
e o mais que há?
O que nos faz acreditar
que o futuro é brilhante
e que eu posso alcançar.
Giselly Barbosa dos Santos



Um dos momentos da escola que mais aparecem nas lembranças dos alunos é o recreio. Apesar de ele passar tão rápido, acontece um mundo de coisas que guardamos na memória. Um grupo do 7º C pesquisou, conversou e refletiu sobre o assunto. Lendo o que eles escreveram dá para entender por que, afinal, lembramos tanto do recreio.

Amizades, fofocas, brincadeiras das mais diversas, um corre-corre geral. São tantas pequenas aventuras! Lembramos dos momentos que antecedem o intervalo, os alunos ansiosos querendo sair da sala, os professores nos segurando na porta, quase a nos torturar: “ainda falta um minuto, só sai quando der a hora exata”. Mas, quando liberam, é aquela correria doida, parecendo uma cavalaria sem rumo.

Ana Heloiza Rodrigues Camillo da Silva, Ana Julia Ferreira Rocha, Debora Silva Lima, Emanuella Luiza Moreira dos Santos, Enzo Ricardo Lima Santos, Isabella Amorim da Costa Correa Reis, Larissa dos Santos, Nayara da Silva Alecrim e Emily Vasconcelos Conrado



Os recreios da EMEF André Alckmin têm duas atrações incríveis, pouco comuns em outras escolas, lembradas com muito carinho pelo alunos:

Tem um piano bem velho que fica no corredor da sala dos professores. As crianças adoram tocar ele. Tem uns que tocam bem e até as “tias da limpeza” gostam de ouvir. Acho que eles procuram no YouTube e depois tocam na escola. Outros parece que vão quebrar o piano, de tão mal que tocam — ou só fazem barulhos. Sempre tem um professor bravo, pedindo silêncio. É bem divertido! Tem também um palco onde muitos se reúnem no intervalo. Dançam, correm, bagunçam ou tentam simplesmente aparecer.

Ana Heloiza Rodrigues Camillo da Silva, Ana Julia Ferreira Rocha, Debora Silva Lima, Emanuella Luiza Moreira dos Santos, Enzo Ricardo Lima Santos, Isabella Amorim da Costa Correa Reis, Larissa dos Santos, Nayara da Silva Alecrim e Emily Vasconcelos Conrado

O Campeonato Interclasses é uma época imperdível para o pessoal da André Alckmin. Equipes de cada turma disputam para ver quem é a melhor em várias modalidades esportivas. Ganha o campeonato a turma que fizer mais pontos no total das competições, e tem horas que o coração vai parar na boca. Olha só:

O Campeonato Interclasses

Numa final de voleibol, o time da nossa sala e o adversário estavam a apenas um ponto de serem campeões, havia uma pressão danada sobre a nossa colega que tinha a chance de marcar o ponto da vitória. A torcida da nossa sala gritava seu nome sem parar, incentivando, enquanto a torcida adversária gritava: “ERRA, ERRA, ERRA!”. Ela sacou, e todos ficaram em silêncio. Aquele segundo que antecedeu o ponto pareceu durar uma eternidade, como se o lance tivesse o poder de parar o tempo. A bola faz sua parábola, cai lentamente nas mãos da jogadora adversária e vai direto para a rede, decretando assim a vitória do nosso time. Na explosão de alegria que logo veio, invadimos a quadra para comemorar.

Todo mundo que entra naquela quadra sempre quer ganhar, independente do esporte a animação é a mesma, já que os campeões são muito aplaudidos. As expectativas são bem altas, todos querem experimentar a sensação de ser campeão, mas o medo de errar e passar vergonha também é grande.

Acredito, nessas horas, que aprendemos muito sobre convivência e disputa. Os jogos eram entre colegas e amigos que, em minutos, tornam-se inimigos mortais, disputando cada ponto, cada partida, explodindo com a torcida a cada gol ou vitória. Perdemos a paciência e chegamos a duvidar da honestidade dos árbitros. Engana-se quem achar que só os meninos se tornam inimigos ferozes. Os torneios femininos também rendem muita confusão e momentos que, depois, quando lembrados, nos fazem sentir vergonha.

Arthur Faria Campos de Oliveira, Kauã Ferreira da Silva, Kauê Gonçalves Ferreira, Leonardo Mariano Araujo da Silva, Marcelo Gomes da Silva, Ronaldo Passos Pereira da Silva, Samuel dos Santos Rodrigues, Vitor Hugo Santana Nunes, Tomas de Souza Silva





Também são inesquecíveis os eventos do Projeto Educando através da dança ou do Projeto de Balé, como ele é chamado na escola. Um grupo de alunas colocou na voz de um só personagem lembranças da dança que todas guardaram.

Eu estava no 4º ano e ia ter a dança do final do ano. Eu vim com minha mãe, com meu pai e minhas duas irmãs, ia dançar a música da “Frozen”. Nossa, estava feliz e estava bem nervosa também, lembro de ver meu pai na plateia com o celular na mão me filmando, para mostrar para minha tia.

Collant cor preta
Manga bufante azul
Meia-calça cor bege
Sapatilha cor preta
Saia de cetim azul bem clarinho
Cabelo em coque
Capa transparente de um azul todo brilhante
A música e a emoção...

Quando terminei de dançar fui direto para meu pai e perguntei:
— Pai, eu dancei bem? — perguntei com um sorriso no rosto.

— Sim, você dançou muito bem, estou muito orgulhoso de você
— me respondeu com um sorriso no rosto.

Fui embora para casa muito feliz!
Ana Klara Silva Alves, Angelina da Silva Santos, Giselly Barbosa dos Santos, Jhulia Galvao Lima, Maryanne Ferreira dos Santos, Natalie Ribeiro da Silva e Sophia Regiane Ferreira Spetanieri.

ESCOLAS DE SAMBA DA REGIÃO

EMEF Cecília Moraes de Vasconcelos
Professores Rodrigo de Macedo França e Taiele Ribeiro
Turmas 6º ano A e B

Berço da gloriosa Rosas de Ouro, na Brasilândia o samba é tradição. O batuque é sinônimo de identidade e também de transformação social.

O samba na quebrada já é uma cultura de muito tempo. Aqui a alegria se encontra com a resistência e mostra como a periferia é lugar de cultura viva. Quem acha que a Brasilândia é violência e droga não conhece a riqueza que temos aqui. Tem que saber que a Brasilândia também é cultura e SAMBA!!!

Muitas comunidades da Brasilândia já tinham escolas de samba, e, em 2000, os moradores do Jardim Elisa Maria, nosso Elisa, decidiram fazer a deles e marcar seu lugar nesse território.

Davi Santana Cavalcante

Nas proximidades da escola, duas agremiações desempenham papel precioso na preservação e na visibilidade do samba e da cultura negra. Quer conhecer mais um pouquinho sobre elas?

Grêmio Recreativo Cultural Bloco Carnavalesco Mocidade Unidos do Abaeté

Essa é a escola do Elisa. Suas cores são amarelo e vermelho, e seu emblema destaca uma figura indígena. Para conhecer melhor a Abaeté, a turma entrevistou seu presidente, Marcos Antonio Freire, o Marquinhos.

Na entrevista, os alunos descobriram que é um desafio arranjar recursos para fazer os desfiles e espaço para guardar todas aquelas fantasias e carros alegóricos. Mas, como diz o ditado, o show tem que continuar, e a escola segue ativa e cheia de boas notícias. O grêmio foi vice-campeão 2025 do Carnaval da União das Escolas de Samba da Cidade de São Paulo (UESP), na categoria Acesso de Blocos.

Grêmio Recreativo Cultural Bloco Carnavalesco Garotos da Vila Santa Maria

O Garotos da Vila, fundado nos anos 1990, em um bairro próximo, na Brasilândia, conta com muitos alunos da EMEF Cecília nos seus ensaios de bateria. Em dia de desfile, as ruas são a coisa mais linda de ver e ouvir! Ficam todinhas tomadas pelas cores do grêmio: vermelho, preto, branco e verde. Seu Soró, diretor do grêmio, entrevistado pelos alunos, falou da importância de manter viva a tradição do samba para as próximas gerações. A luta diária pela festa faz de seu Soró um guardião do samba no Elisa Maria.

Os alunos fizeram esse lindo poema de abre-alas para o Garotos da Vila e o Unidos do Abaeté, sobre o samba na Brasilândia:

O samba da quebrada

Sob o céu azul do Elisa Maria
Desfila o Unidos do Abaeté
O carnaval é explosão de energia
Encanto, alegria e axé

Versos e magia, bateria a tocar
Amarelo e vermelho são as cores
Exibe o indígena a cantar
Viva o samba e seus valores

Na Vila Santa Maria, sol brilha no céu
Batuque acelera o coração
Garotos da vila, escola fiel
Cultura viva, raiz e tradição

Vermelho, preto, branco e verde
Pintam o livro e a canção
No samba a tristeza se perde
E nasce a luz da emoção.

O samba é ritmo e alegria
Fantasias, instrumentos e canção
Anima o povo do Elisa Maria
Trazendo festa e diversão

Máscaras, confetes e alegoria
Temas que criam o enredo
O chamado é o repique da bateria
Para se divertir não tem segredo

O samba na periferia
É expressão popular
Traz ao coração alegria
E está em todo lugar.
Enzo Oliveira Silva, Gylherme Felix de Oliveira Leite,
Pedro Henrique Soares Rios, Samuel Heitor Silva
Santos e Victor Guilherme Jurity de Sousa



Sabe quem também ajudou a escrever a história desse ritmo contagiante no bairro? O MC, isto é, Mestre de Cerimônia, Hélio, autor da música “Eliza querida”, uma declaração de amor ao Jardim Elisa Maria. O refrão chiclete e a batida animada da canção fizeram um sucesso enorme no bairro e nas rádios, antes de chegar às páginas deste livro. Dá uma olhada nesse trecho da entrevista que os alunos fizeram com MC Hélio:

Sua música “Eliza querida” se tornou um marco na região e levou o nome do Elisa Maria para diversos lugares. Qual foi sua intenção quando escreveu e cantou essa música?

A música “Eliza querida” eu comecei a escrever em 2011, contando um pouquinho do dia a dia do bairro e, principalmente, dos domingos: o que acontece, o sobe e desce de carro, as mulheres, o pessoal se reunindo para assistir a um jogo... A gente concluiu com a participação do Betinho Carlos, do Grupo Abalo. Engraçado que a gente ainda nem tinha lançado a música oficialmente, mas eu cheguei a fazer alguns CDs, ia nas lan-houses, fazia uma cópia e distribuía para as pessoas. Os carros de som passavam, no pancadão também tocava. O pessoal chamava de “sambinha do Elisa”, não sabia que o nome era “Eliza querida”. A intenção era só homenagear o bairro, mas quando a gente colocou na rádio, a música ganhou uma proporção que fiquei sem acreditar. Teve até gente que veio me falar: “O nome da minha filha é Eliza por causa da sua música”.



O orgulho de ser do Elisa Maria e o samba “Eliza querida” também ecoam em um relato dos alunos e dos professores:

Nosso Jardim Elisa Maria é cheio de alegria, cultura e identidade, precisa ser olhado com respeito às suas necessidades; precisa de investimento público para melhorar as condições de saúde, segurança, educação e lazer para a população; e assim valorizar cada ser humano que existe neste lugar.

Somos o “ELIZA QUERIDA!”.

Produção coletiva

FUNK — A MÚSICA NA QUEBRADA

EMEF Cecília Moraes de Vasconcelos

Professores Leonardo Aparecido Moura Flávio e Steffany Moreira da Silva Leite

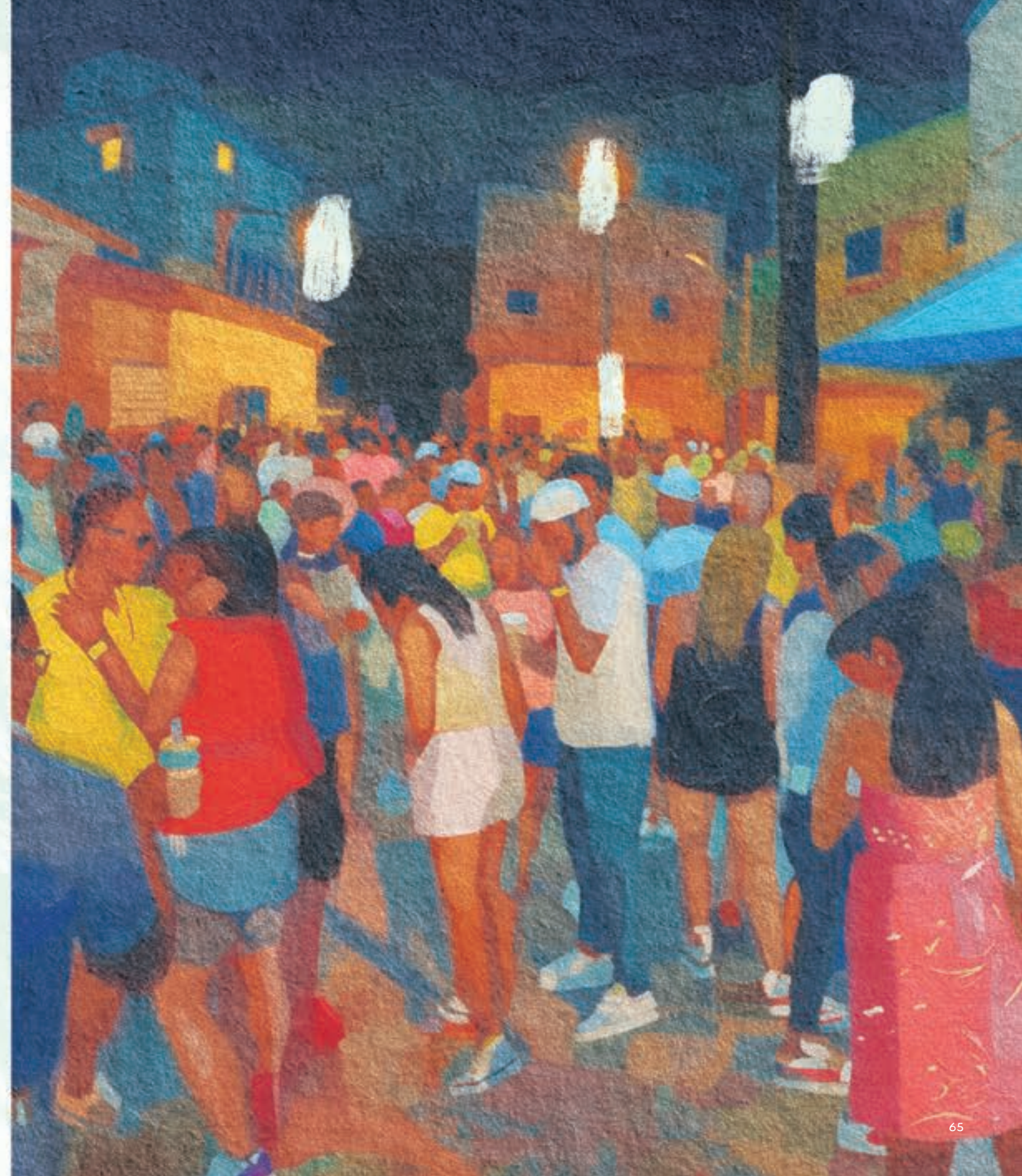
Turmas 6º ano C, 8º ano B e 9º ano C

O tema deste capítulo é conhecido por vários nomes: fluxo, baile ou simplesmente rolê. Estamos falando do funk, esse ritmo que faz o coração da Brasilândia bater mais forte. Na pesquisa feita pelos alunos, surgiram vários pontos de vista da comunidade, de gente que se incomoda com o barulho e com a confusão dos bailes a comerciantes para quem o movimento é um impulso importante.

A Flavia resumiu bem esses prós e contras:

A música e a dança representam a expressão de uma juventude que enfrenta muita adversidade e que muitas vezes é vista com desdém por quem não entende nada de cultura. Mas o volume do som, alto demais, somado ao barulho das motos além do razoável, é fonte de atrito entre moradores e frequentadores do fluxo. Invade as casas dos vizinhos e o espaço pessoal de quem precisa de tranquilidade. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre a festa e o respeito mútuo.

Flavia dos Santos Duraque Sousa



Mas talvez o que pouca gente saiba é que o funk vai muito além da música alta e da batida envolvente: ele é um estilo de vida que influencia da escolha das roupa à linguagem. Como?

É que o vocabulário usado pelos participantes do baile está recheadíssimo de gírias das mais criativas, que reafirmam o funk como um modo de expressão. Olha só a crônica que a aluna Maria Luiza escreveu usando algumas palavras comuns no rolê:

No baile funk da Brasilândia ocorre tanta coisa: música alta, às vezes, brigas, tá ligado!? As minas dançando, os moleques só observando e, ao mesmo tempo, jogando bola. Quando passa uma mina da ora, eles logo dizem:

— Ó as mina ae, tio, se liga!

No papo reto, os finais de semana são sem condição, passam muito rápido; está mó festa, aí, depois, chega a segunda-feira, ter que enfrentar busão lotado de novo, cê acredita, fiot?!

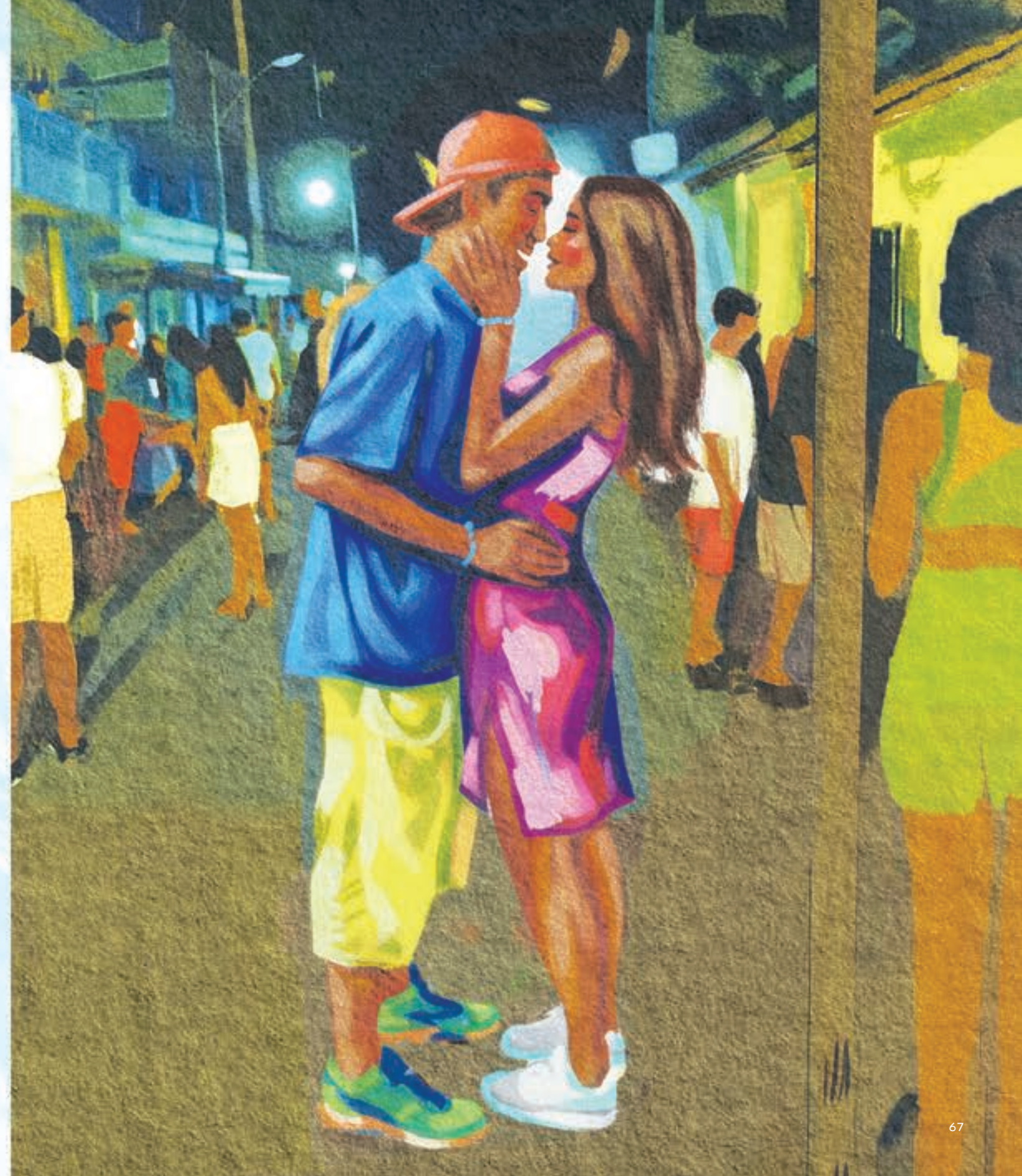
Depois do baile, mó bagunça nas ruas e quando a polícia invade, vishhh..., é mó paia, paizão! É mulher correndo, crianças, cachorros e tudo mais! Mas, no papo reto, é engraçado demais, pae! Em bailes assim, acontece também umas brigas com uns diálogos bem legais, tipo:

— Você viu a filha da dona Joana? Ela está com aquele rapaz! Para mim é errado!

— Ah, eu vi Lurdes, é nesses bailes que a gente descobre tanta coisa...

Bom, de certa forma, tudo isso é bem divertido, sabe!? Porém, pra quem trabalha no dia seguinte, falando a real, é complicado...

Maria Luiza Montes Santos



A turma criou até um glossário com expressões que mostram mais da riqueza dessa língua que nasce nas festas e é a cara da juventude da Brasilândia. Se liga só:

Gírias da quebrada

244: quem empina moto, gosta de dar grau.

Batidão: som alto e da ora.

Cine: cinema.

Corre: trabalho.

Cortar de giros: empinar a moto e fazer barulho.

Drake: estilo de roupa, cabelo.

É mó paia, paizão: é o maior problema.

Fiot: colega.

Fluxo: baile, festa.

Liso: sem dinheiro e/ou passar a perna em alguém.

Mano: meu, melhor parar!

No papo reto: na verdade, falando a verdade.

Pae: colega.

Parça: amigo.

Passar a noite virado: ficar acordado durante a madrugada.

Pega a visão: só observa.

Quebrada: comunidade.

Rolê: passeio.

Somos todos cria: irmãos, amigos, galera unida.

No fim, ninguém tem dúvidas de que o funk transpira energia, alegria e resistência, como mostra este texto da Flávia sobre os MCs, importantíssimos para o rolê:

Eles trazem suas histórias reais nas letras, falam sobre amores perdidos, conquistas, ostentação, relacionamentos e até sobre a dor da perda. Cada rima é uma representação do cotidiano na favela, uma forma potente de resistência diante dos desafios enfrentados diariamente. É pesado e, ali dentro do baile, tudo fica leve por alguns momentos, porque, no baile funk, cada passo dado é uma resistência à opressão. É um lembrete poderoso de que a alegria pode surgir mesmo nas situações mais difíceis, e assim seguimos, com o coração pulsando no ritmo do funk e a certeza de que nossa voz vai ecoar cada vez mais alto! No fim das contas, o fluxo não é só música, é também identidade, comunidade e a força de quem vive na favela!

Flávia dos Santos Duraque Sousa

O funk como grito de liberdade e instrumento de luta por direitos é uma visão que também está nos versos emocionantes da aluna Kaylaine:

O funk mostra os desacertos
Que um pobre periférico
Tem que enfrentar no seu cotidiano,
Na luta de algo melhor para sua família.
Jornal...
“Hoje, morre mais um jovem periférico
baleado por um policial...”

Não é isso que nós queremos!
Queremos paz nas periferias...
Kaylaine Matos do Nascimento Ribeiro

Já o poema do Bryan resume de forma bonita e sensível a imagem de um funk que persiste no cotidiano da juventude na periferia:

Poema Tribalistas Com um toque de funk

No ritmo frenético,
A infância desfila de pés descalços,
A vida que pulsa.
Trabalho infantil,
Lembrança que dói,
Mas a força da música,
A alma acalmou.

Rimas que ecoam,
Um samba no pé,
Mistura de ritmos,
Que a vida faz ser.
Do batidão funk,
A força que invade, na velha infância,
A marca que se grava.

As máquinas zuniam um som constante.
Mas o sonho dançava em ritmo vibrante.
Entre o suor e a luta,
A poesia brota
No funk e na memória,
A infância retoma.

E assim, na mistura,
A história se conta.
Da velha infância,
A luta que não se afronta.

Com o funk como trilha,
A vida que canta.
Um poema que pulsa,
Que dança e canta...

Bryan Vieira dos Santos Costa

PÃO NOSSO DA BRASILÂNDIA

EMEF Theo Dutra
Professores Danilo de Goes Prado e Helenice Bueno Nunes
Turma 9º ano A, B e C

Viram quanta história boa? Mas, para encerrar bem o livro, é bom lembrar mais uma vez: o maior patrimônio da Brasilândia é sua gente. E uma demonstração disso são as muitas pessoas, grupos e associações que saem em campo para socorrer quem precisa de ajuda. A turma da EMEF Theo Dutra foi conhecer e escreveu sobre exemplos emocionantes dessa solidariedade que é a cara do nosso território:

O Pão de Santo Antônio

A Paróquia de Santo Antônio arrecada mantimentos durante todo o ano, em especial na Trezena, os dias que antecedem a Festa do Padroeiro do bairro. Uma devota nos contou sobre a tradição do Pão de Santo Antônio, que é distribuído nesse dia: “Eu o coloco dentro do arroz, dentro do feijão... e traz muita benção”. Outra paroquiana disse, emocionada, que o pão é “a benção que a gente leva para casa”. Uma senhora até chorou ao ser entrevistada. Disse que só tinha a nos agradecer.

Segundo uma amiga nossa, o santo Antônio do pãozinho é amansador de burro bravo. Que em meio a tantos burros bravos que existem por aí, mais gestos gentis, bondosos e solidários como esse espalhem-se da Brasilândia para o mundo.

Ana Julia Nascimento da Silva, Bruno Vasconcelos de Oliveira, Bryan Levi Martins da Silva, Diana Silva Marino, Emilly da Silva Lopes, Sarah Cristina Lopes da Silva e Mirian Ferreira de Araújo Santana



Em homenagem ao famoso pão a Sarah, a Diana e o Bruno escreveram este poema:

Festa na quebrada

É festa, é união
Muita comida e brincadeira
Amigos e famílias
Samba-rock a noite inteira

Um churrasco lá na laje
Não precisa de motivo
É a melhor desculpa
Para juntar os amigos

Gosto da Festa Junina
É alegria sem fim
Com a dança e cantoria
Lá na praça do Bonfim

O almoço de domingo
É festa sempre animada
Feijoada ou baião
Junto com macarronada

Para adoçar a vida
Uma sobremesa então
Ainda tem o saquinho
De São Cosme e Damião

E todo mês de junho
Tem o pãozinho bento
Na Igreja Santo Antônio
Para que não falte o alimento

Bruno Vasconcelos de Oliveira, Diana Silva Marino e Sarah Cristina Felix da Silva

Mãe Manaundê: as mãos solidárias do Quilombo da Brasilândia

Quem domina os ventos não teme a tempestade, e mãe Manaundê nada temia. Se hoje viver com dignidade é luta diária, num tempo nem tão distante, ser mulher, negra, migrante e praticante do candomblé significava resistir em cada gesto.

Julita Lima Albuquerque, lavadeira, costureira e parteira, conhecida como mãe Manaundê, fez dessa luta um modo de viver. Nascida em 1926, em Sergipe, viveu quase 80 anos de sabedoria e axé. Criou 24 filhos e acolheu incontáveis outros: filhos de santo e filhos de fé. No terreiro que fundou, formou gerações de iniciados na tradição bantu de Angola. É um verdadeiro quilombo na Brasilândia.

Filha de ex-escravizados, migrante em sua própria terra, mãe Manaundê lutou na década de 1960, na Brasilândia, para erguer seu terreiro, chamado de Terreiro de Santa Bárbara, o primeiro do estado de São Paulo a ser registrado oficialmente em cartório. Foi uma iniciativa pioneira, gravada no papel com a força de sua orixá guerreira dos ventos, e assentou eternamente seu Ilê, palavra que significa morada ou casa em iorubá. Tornou-se, desde então, lugar de caridade e ajuda, seguindo os caminhos de sua espiritualidade.

“Minha mãe me contou que ela e as irmãs dela nasceram no terreiro. Minha avó morava lá. As crianças ficavam curiosas com os segredos do axé”, conta Moreha, aluna do 9º C.

Em 2019, o espaço foi reconhecido como patrimônio imaterial do estado, consagrando a importância de sua história para a cidade e para a cultura afro-brasileira. A memória de mãe Manaundê tem lugar de honra na Brasilândia, entre nossos ancestrais. Ajudou a construir um laço inquebrável de fé e caridade.

Ana Julia Nascimento da Silva, Anderson Henrique de Jesus Lino, Diana Silva Marino e Moreha Pereira Sampaio Delfino



O homem do Opala Azul

Na Brasilândia viveu um homem cuja presença não pedia holofotes, mas, pelo contrário, espalhava luz. Era conhecido apenas como “o homem do Opala Azul”. Era Manuel Eduardo, filho de Luís Barão de Rio Branco, homem negro, ex-escravizado, nascido em Minas Gerais. Carregava a herança de uma vida dura. Aos cinco anos já trabalhava na roça e, nesse chão, moldou uma firmeza que carregaria pela vida toda.

Quando chegou à Brasilândia, no Jardim Almanara, na década de 1960, encontrou ali uma comunidade que ele ajudaria a crescer. Era comum vê-lo sair com seu Opala Azul para levar cestas básicas e, sobretudo, escuta e conselhos. Distribuía pão e palavra. Era mais que um pastor: agia como conselheiro, companhia e socorro. O banco de seu carro serviu até para crianças virem ao mundo. Chegou a acolher em casa uma família de sete migrantes pernambucanos, oferecendo-lhes dois cômodos, até que pudessem se firmar. Não tinha medo de ser enganado. Fazia o bem sem escolher a quem.

No dia de sua partida, apareceram em sua casa muitas pessoas desconhecidas da família, contando que tinham sido profundamente marcadas por ele: “Quando o Opala Azul aparecia na esquina, sabíamos que não sentiríamos fome”.

Ana Julia Nascimento da Silva, Anderson Henrique de Jesus Lino, Bryan Levi Martins da Silva e Heloysa Alves Mateus



Vó Tutu: avó de todos nós

Vó Tutu, apelido de Maria Paulina Avelino Marques da Silva, ficou famosa por socorrer pessoas da Brasilândia que não tinham o que comer durante a pandemia. Quem nos conta sobre ela é a turma do 9º C:

Quando parecia que estava tudo perdido, ela sem poder trabalhar, filhos e filhas também, e ela se via a chorar, foi quando veio uma voz, como se fosse um milagre, uma ideia repentina, que dizia "faz pão". Ela, sem hesitar uma única vez, foi ao filho e disse que queria fazer pão, ele falou que eles não sabiam fazer pão, mas ela não desistiu e afirmou "quero fazer pão".

Quando percebeu, na porta de sua casa, tinha uma fila enorme de pessoas, umas cem pessoas para mais, todas ali esperando o seu pão da manhã. Logo em seguida, eu perguntei para ela, se era gratificante ver todas as pessoas ali, e vendo que as doações estavam dando certo, ela falou que não era tão gratificante assim, que seu sonho é que ninguém precisasse ficar em uma fila de pão. Que todos tivessem oportunidades na vida.

Essa foi umas das inúmeras histórias que ela contou. Depois dessa conversa, fomos recebidos com um saco de pão para cada, e dois pães com recheio, um de frango e o outro de chocolate, com um sabor inexplicável, parecia comida dos deuses, nunca comi um melhor. Foi uma sensação incrível, nós fomos recebidos muito bem, conversamos, nos emocionamos e por fim ganhamos o pão da Vó Tutu. Antes de ir embora, fizemos um convite para ela ir visitar a nossa escola.

Um tempo depois, recebemos a notícia de que ela tinha falecido, foi aí que eu senti uma sensação de tristeza, pois ela era uma mulher incrível, uma verdadeira vó.

Anderson Henrique de Jesus Lino, Diana Silva Marino, Heloysa Alves Mateus e Moreha Pereira Sampaio Delfino



E assim chegamos ao final deste livro, com muitas descobertas e mais conhecimentos do que antes sobre o bairro da gente, repleto de vozes do território Brasilândia. Com certeza o mais belo foram os diálogos e os encontros promovidos por todas as pessoas participantes. “A memória guardará...” que tal vocês, queridas e queridos leitores ampliarem essas narrativas, desvelando novos personagens e histórias? Quem vem?

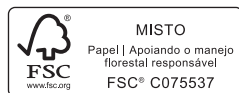
Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michele da Silva Soares
Texto final: Marta Góes
Colaboração no texto final: Michele da Silva Soares
Ilustrações: Estudio Rebimboca
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marta Góes e Estúdio Rebimboca, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-072-9



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

G598b Góes, Marta.
Brasilândia : o bairro da gente / organização Marta Góes ; ilustrações Estúdio Rebimboca — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-072-9
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Costumes. 6. São Paulo (SP). 7. Brasilândia (São Paulo, SP). I. Estúdio Rebimboca. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

apoio



parceria



patrocínio



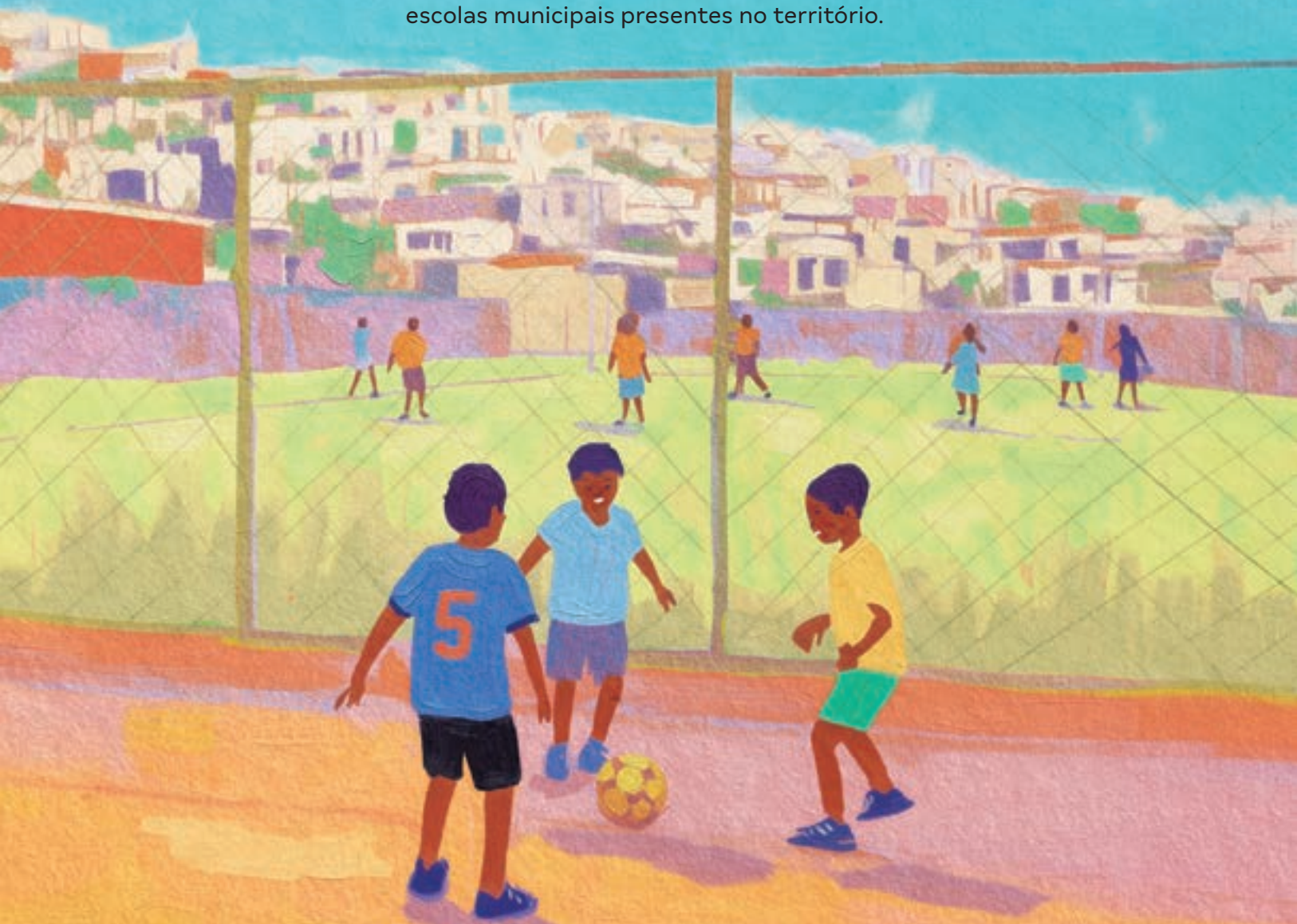
produção
executiva



realização



Era uma vez Brasilândia. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história do bairro era a sua própria história... O Tusão, as escolas de samba da região, o funk, entre outros patrimônios, fazem parte dessa narrativa, investigada e escrita por estudantes das escolas municipais presentes no território.



apoio



parceria



patrocínio



facilita a vida

produção
executiva



realização

